

Geografia da ficção: o lugar da personagem no romance *Homens e caranguejos*

Thiago Azevedo Sá de Oliveira
UFPA

Resumo: Ao perceber o fenômeno social da fome no Brasil, Josué de Castro, desencadeia no denso enredo da obra *Homens e caranguejos*, publicado em 1967, um cenário narrativo ficcional capaz de tornar a fome na sede essencial de seus personagens e, a *posteriori*, de seus leitores. Com resquícios de verossimilhança em sua tessitura narrativa, a “realidade” da pobreza e da desumanidade é recriada na atmosfera do universo literário de modo subjetivo, todavia multiforme. Através dos personagens homens-caranguejos, é estabelecida a analogia que dá nome ao livro, isto é, homens e caranguejos como espécies igualmente viventes e sobreviventes no mangue, atolados na mesma lama e, nela, retirando os nutrientes na luta pela vida.

Palavras – chave: Literatura, fome, personagem e neo-realismo.

Abstract: *By understanding the social phenomenon of hunger in Brazil, Josué de Castro, triggers the dense plot of the book Homens e caranguejos published in 1967, a fictional narrative scenario able to make hunger in the headquarters of its essential character and, later, of his readers. With remnants of fabric in his narrative verisimilitude, "reality" of poverty and inhumanity is re-created the atmosphere of the literary universe so subjective, however plural. Through the characters' crab man, the analogy is established which gives its name to the book, that is, men and crabs as species also living and surviving in the swamp, mired in the same mud and in it, removing the nutrients in the struggle for life.*

KEY – WORDS: *Literature, hunger, character and new-realism.*

1 Peles e primeiros ossos de um *romance* “com muita farofa e pouca carne”

Partindo do diálogo entre os contos “A cidade”, “O despertar dos mocambos”, “Solidariedade humana”, “A seca”, “João Paulo”, “Ilha do Leite”, “Assistência social”, “Ciclo do caranguejo”, dentre outros, publicados em 1935, no livro *O ciclo do caranguejo*, Josué de Castro (1908-1973), vale-se do grau de intertextualidade de seus textos iniciais para conceber o romance *Homens e caranguejos*. A ressonância de toda primeira matéria escritural serve de sinopse que esboça a personagem, o espaço e o conjunto dramático, em cena no interior rearranjado da ficção romanesca.

Cerceado desde a restrição que lhe fora imputada com a cassação dos direitos políticos, no Ato institucional-01, em 09 de abril de 1964, Josué de Castro, escreve e publica em francês, durante período de exílio em Paris, em 1966, *Des hommes et des crébes*. No ano seguinte, em seu país local, aporta com a tradução de Christiane Privat, o mesmo romance, sob o título de *Homens e caranguejos*, imediatamente recolhido do mercado pelos censores do regime ditatorial.

Homens e caranguejos ambienta-se em meados do século XIX como um drama mimético da fome, sendo esta, expandida não apenas enquanto sinônimo das carências alimentares, mas como elo das necessidades e como força modeladora das aspirações subjetivas do homem. A data e as limitações impostas na elaboração da obra (1966), revelam também a força de um esboço estético que urge, além da figuração criativa inerente, por consciência crítica, política e social. No texto, atenta-se para a fragilidade da condição humana em aceno enviesado ao contexto da opressão e do silêncio, sobremaneira em curso no Brasil durante o golpe militar, período do qual, na atualidade, registra-se cinquenta anos de seu término.

A fome é o elemento mediador das personagens, e sua relevância se desdobra na espacialidade das terras famintas por onde transitam as personagens: o sertão da seca que faz de Zé Luís e família retirantes, na zona da mata canavieira com a miserável cena de Seu Maneca, na Amazônia que faz de Cosme um rico homem dos seringais e um paralisado pela carência alimentar de comidas frescas e, no mangue, ancoradouro onde todos se protegem comendo caranguejos e vivendo como caranguejos, esfomeados pela privação de liberdade, cor viva na prisão da lama, atenta CASTRO (2007, pp. 17-8) em prefácio ao romance;

Fui compreendendo que toda a vida dessa gente girava sempre em torno de uma obsessão – a angústia da fome. Sua própria linguagem que quase não fazia alusão à outra coisa. A sua gíria era sempre carregada de palavras evocando comidas. As comidas que desejavam com desenfreado apetite. A propósito de tudo se dizia: é uma sopa, é uma canja, é um tomate, é uma ova, é um abacaxi, é uma batata, é pão-pão, é queijo-queijo. Era como se esta gíria fosse uma espécie de compensação mental de um povo sempre faminto (...). Esta presença constante da fome sempre fora a grande força modeladora do comportamento moral de todos os homens desta comunidade: dos seus valores éticos, das suas esperanças e dos seus sentimentos dominantes. Vê-los agir, falar, lutar, sofrer, viver e morrer, era ver a própria fome modelando com suas despóticas mãos de ferro, os heróis do maior drama da humanidade - o drama da fome.

Apresentando-se como uma narrativa de cunho social, o único romance de Josué de Castro é expressivo desde o título do prólogo que antecede o início da história, nomeado ambigualmente de *Prefácio um tanto gordo para um romance um tanto magro*. Ainda na apresentação da obra ao leitor, o autor estabelece com ironia e humildade a analogia a ser feita sobre a qualidade

de *Homens e caranguejos*. Tendo em relevo a sua inédita experiência de ficcionista, representada a partir desta criação, o livro é por ele referendado como “de muita farofa com pouca carne” CASTRO (2007, p. 09), ou seja, muitos dados informativos e pouco romance, segundo paralelismo semântico traçado entre o hábito alimentar regional e a carência do leitor pelo drama *folhetim*.

Instigado pelas reminiscências de alguns dos renomados artistas da palavra, a exemplo dos igualmente pernambucanos Ascenço Ferreira, Joaquim Cardoso e João Cabral de Melo Neto. Josué de Castro os menciona na introdução da obra ao passo que desdobra e os situa nas lacunas a serem preenchidas pelo romance na essência de seu labor criativo. Simulando a realidade imaginativa da ficção através das personagens, *Homens e caranguejos* não apenas mimetiza homens em animais, mas tece na estrutura ficcional o encontro a que o referido autor alcunharia de “trágica fascinação” – *a fome*.

Quanto ao conceito do gênero que circunda a obra, sua construção de estrutura aparece no plano da narrativa de forma híbrida e intertextualizada. No intuito de não fixar preceitos e, de igual modo, atrair o leitor, em sua maioria interessado pela abordagem romântica, o narrador seduz os possíveis leitores tornando, *a priori*, irrelevante esta “definição”, aguçando substancialmente o imaginário daqueles que se atraem ou não pela narração a lê-la, sendo ela romântica ou não. Logo, transparece nos primeiros parágrafos do prefácio um breve indício deste semblante, flagrado em:

Mas será este livro um romance? Ou não será mais um livro de memórias? Talvez, sob certos aspectos, uma autobiografia?... Não sei. Tudo o que sei é que, neste livro, se conta a história de uma vida diante do espetáculo multiforme da vida. A história da vida de um menino abrindo os olhos para o espetáculo do mundo, numa paisagem que é, toda ela, um braço de mar – um longo braço de mar de miséria. (CASTRO, 2007, p. 9-10).

A forma difusa do romance é marcada pela transfiguração das memórias do autor na tessitura discursiva do narrador e das personagens. Recorre-se ao espaço e ao tempo alegórico do mangue a fim de que, dele se extraia a imagem de constante movimento, as ilhas de mangue formando os alagados e suas personagens, em funções bivalentes, tal qual se ajuíza na prerrogativa de que, ao passo que aproximam na narrativa a impressão de “verdade” – verossimilhança externa, respeitando “as regras do bom senso e do senso comum”, conforme pondera D'ONÓFRIO (2000, p. 19), condensam em contrapartida, ao se consociarem, a coerência interna, princípio que organiza a construção de autonomia do universo simbólico.

Através das primeiras palavras expressas no parágrafo: “O Recife, a cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas é também a cidade dos mocambos: das choças,

dos casebres de barro batido a sopapo, cobertos de capim, de palha de coqueiro e de folha-de-flandres” CASTRO (2007, p. 25), direciona-se as personagens e o público para o cenário dessacralizado das ilhas de pobreza recifenses. São nelas que surgem para o narrador onisciente, em meio à cena de relâmpagos e trovões do período junino, “seres anfíbios... mistura incerta de terra e de água, os homens e caranguejos, habitantes do mangue do rio Capibaribe” (CASTRO, 2007, p. 26).

Paulatinamente proliferam de modo verossímil sob o manguezal, raízes de vida e de miséria, homens, mulheres e particularmente, João Paulo. Este, abrindo os olhos para o universo dramático da personagem protagonista da trama, dá princípio a ficção quando de seu bocejo matinal. De forma simples e cotidiana, causos e diálogos acabam por traçar ao longo de treze capítulos, o eixo das prosódias contadas em *flashback* por: “Zé Luís”, “Negra Idalina”, “Padre Aristides”, “Chico – o Leproso”, “Cosme – o paralítico” e, sobretudo, pelo garoto “João Paulo”, dentre outros, na descoberta da fome para seres humanos “*feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos*”; assim metaforiza o criador da narrativa em questão.

2 A fome na força expressiva das personagens

Ao provocar a impressão de “verossímil” através do simulacro de semelhança entre a fome real do mundo exterior e a fome literária das personagens, a ficção de *Homens e caranguejos* mimeticamente recria o universo da pobreza, *mimesis* aristotélica, apresentando ao público personagens cujas diferentes “vivências” da fome, em distintas idades, os torna mais ou menos relevantes ao conteúdo da história e do universo transfigurado em literário, conforme se evidencia em:

O que significa a literatura num mundo que sofre fome? Como a moral, a literatura necessita ser universal. O escritor deve, pois, colocar-se do lado da grande maioria – bilhões de famintos – se quiser dirigir-se a todos e ser lido por todos. (SARTRE apud CASTRO, 2007, p. 05).

LIMA (1973, p. 56) corrobora e sugere:

verossimilhança (...) sempre resulta de um cálculo sobre a possibilidade de real contida pelo texto e sua afirmação depende menos da obra que do juízo exercido pelo destinatário. A obra por si não se descobre verossímil ou não. Este caráter lhe é concedido de acordo com o grau de redundância que contém.

Imbuído neste propósito, observa-se que a feição de *ficcionalidade* é uma prerrogativa a ser indicada pelo crivo de interpretação ou recepção do público leitor que com o discurso/

enunciado convive. Por se ater a problemática da fome como ‘gatilho’ das urgências humanas, o escritor terá como *primeiro passo* dialogar de forma cordial com a realidade a ser recriada, contudo, deve colocar-se na posição que assegura à obra a plurissignificação de universal.

É necessário indicar desde já que, em *Homens e caranguejos*, a construção da coerência interna atribuída à própria obra é que permite incluí-la no plano da narrativa, como membro seletivo das grandes obras literárias que intercalam originalidade e novidade sem sobrepor uma medida à outra. Personagens, como João Paulo e ações, como o relevo da fome, juntos engendram nos espaços de um Recife mimetizado a hipotética situação não acerca do que *seria* caso fosse real, mas que poderia *ser*, em detrimento de efetuar-se no subjetivo da conotação, e somente ter vida em razão do texto.

Pelos olhos puros e inocentes do menino João Paulo que as suas histórias e as aventuras das demais personagens prosseguem até o interpretante, contada por um narrador em 3ª pessoa, de *focalização omnisciente*ⁱⁱ, atento aos passos de João Paulo e de toda a comunidade da Aldeia Teimosa. Em função de João Paulo, surgem secundariamente Zé Luís e a mulher, nomeada em poucas ocasiões de Maria, sendo eles, respectivamente, pai e mãe do *garoto-caranguejo*; seu irmão Joaquim, morto pela “fome” de água no sertão e outros dois irmãos pequenos de nome desconhecido, já *brotados* no ventre mangue; seus vizinhos, seu amigo Cosme – o Paralítico, com destacado papel no enredo da obra *Homens e Caranguejos* e na vida de João Paulo, além dos demais personagens que compõem a plural e instigante narrativa estudada.

No tocante a abordagem das personagens, observa-se na composição de *Homens e Caranguejos* a ausência de muitas personagens centrais, e, em ação reversa, a presença de variadas *personagens-tipo*ⁱⁱⁱ. Nesta seara, há de se expor um *olhar* paralelo a representação de personagens-tipo condensados na obra realista de *Os Maias*, de Eça de Queiroz. Se no exemplar literário lusitano *Taveira* tipifica a figura do servidor público e, *Maria Monforte, a Negreira*, que foge com o napolitano *Tancredo*, no volume neo-realista recifense, a cozinheira *Negra Idalina* tipifica a representante dos afazeres domésticos que ostenta em sua rotina a frustração de ter visto sua filha *Zefinba* fugir com o namorado. Se em *Os Maias* se tece uma crítica a identidade da sociedade lisboeta da segunda metade do século XIX, composta por políticos mesquinhos e corruptos, em *Homens e Caranguejos* se estrutura uma severa crítica pragmática e marxista à omissão da sociedade brasileira frente às desigualdades sociais, alargadas desde o regime militar de 64, período em que a obra é publicada e censurada.

Alude-se, ao mesmo tempo destas posturas ideológicas suscitadas pelo autor, a discussão sobre a natureza do *literário* imitar ou refletir a realidade recriada, segundo TELES apud FARIA (2008, p. 19) referencia:

A narrativa ficcional recolhe fragmentos verbais da realidade e até, conforme a época, finge copiar essa realidade. Cria, na mais pura tradição literária, um sentido de verossimilhança, de representação semântica e externa, aproximando-se o mais possível de uma linguagem denotativa e dando a ilusão (compartilhada conscientemente com o leitor) de que está mesmo refletindo a realidade.

Há de se mencionar também no contexto das personagens-tipo, periféricas na trajetória de João Paulo em suas aventuras de descoberta da fome, as figuras de *Matheus – o Vermelho* o operário das indústrias que em função da cor de seu cabelo é confundido como comunista. *Zé Luís* e sua esposa *Maria*, os sertanejos que atolados no mangue viraram respectivamente pescador e dona-de-casa sem maiores ambições. *Padre Aristides*, o sacerdote cujo pecado confesso é a gula pelo guaiamu, *Seu Maneca* – o contador do caso da diarreia, *Chico – o leproso*, preso a “clausura” de sua doença, *Sr. Xandu* – o vendedor de queijos e rapaduras; e o *Coronel Australiano*, da Usina Estrela – autêntico representante do coronelismo canavieiro da mata sul pernambucana.

No que tange ao plano da personagem secundária, entretanto não tipificada em uma unicidade de sentido, ação e natureza, merece um *olhar* atento a personagem de *Cosme – o paralítico*. Por mais que se emita descuidosamente o preconceito enraizado na alcunha que lhe é dada, não é apenas nesta condição bio-motora que se deve centrar o sumo de *Cosme* para a obra *Homens e caranguejos*. Não seria desnecessário afirmar que a ausência de movimentos de suas pernas é de certo modo compensada pela agitação ininterrupta de sua mente; e é nesta vertente semântica que se faz necessário ponderar a contribuição da personagem na narrativa.

Consistindo em liderança cerebral de toda a comunidade da Aldeia Teimosa, *Cosme* traz no bojo de sua consciência o fluxo da experiência, da maturidade adquirida através do tempo, das viagens que já fez e, sobretudo, das adversidades e alegrias que porventura saboreou. É com os “olhos aguçados do mundo lá de fora” que *Cosme* transmite a *João Paulo* as frustrações, os conhecimentos ensinados pela vida ao homem; todavia é igualmente através de *Cosme* e de seus tempos áureos de bonança que *João Paulo* tem contato com a esperança de viajar, de conhecer a vida que não a da miséria da qual nasceu e que dela não consegue escapar. Reside daí, nas prosas do amigo *Cosme* uma situação propiciadora de *devaneio* e de escapismo, visto que, nestes momentos de diálogos e ensinamentos, *João Paulo* encontra a possibilidade, ainda que remota, da felicidade.

Emerge no rastro da *fome* de *João Paulo* em tentar traçar “rumos” diferentes para seu destino, a continuidade dos aparentes “sonhos” de rebeldia contra a miséria nos manguezais, anseios estes outrora alimentados por *Seu Maneca*, por *Zé Luís e Maria* e, sobretudo pelo desbravador *Cosme – o paralítico*, dentre outras personagens. Em si, o *menino* da ficção compreende a busca do próprio homem em realizar os objetivos tidos como “metas de vida” numa cena que poderia compreender a realidade caso não fosse o romance representação simbólica e expressiva da “imaginação”, raiz advinda do ato artístico e, portanto, ficcional.

No motim de ficcionalidade do sonho humano, na busca incessante pelo fim das desigualdades predominantemente sociais, os conflitos das personagens de *Homens e caranguejos* possibilitam intercalar a discussão acerca das características modernistas inclusas no fio desta narrativa. Tecida pela construção de um discurso estético, todavia envolto na atmosfera da consciência política, o romance dos encharcados recifenses suscita uma apreciação mais apurada no que tange aos nutrientes do neo-realismo pretensamente reelaborados e reinventados na ficção de Josué de Castro.

3 Situando os nutrientes do neo-realismo na ação das personagens

Vislumbrando no sumo literário um hipotético instrumento capaz de exaurir a distância entre a arte e a vida, a ficção Neo-realista brasileira se propusera a extrair do artifício ficcional de deformação o espírito aguçado de recriação estética e de transgressão da realidade a ser depurada. Norteados à luz da instalação do regime ditatorial de Estado, fato ocasionado pela deposição do presidente parlamentarista João Goulart em 1964, *Homens e caranguejos* “anseia” através da narrativa e das *fomes* nutridas por suas personagens, mimetizar a realidade brasileira de silêncio e opressão, à medida que, em concomitância a contesta.

Decorrente das ações que para MATTER (2010, p. 17), seriam: “muitas vezes o resultado do abismo entre essa aposta utópica e os obstáculos encontrados para nesse sonho chegar”, o neo-realismo brasileiro teve suas bases pré-fincadas na Semana de Arte Moderna de 1922. Logo, a linguagem que para o poeta modernista Manuel Bandeira deveria ser “a língua do povo” é re-assimilada no romance *josueniano* de modo a tornar *Homens e caranguejos* em uma obra próxima da vida cotidiana dos sujeitos com quem a dialoga, e com as personagens cujas “vivências” de fome torna ainda mais estreito o “funil” entre o concreto e o artístico. Neste intuito, LOURENÇO (1983, p. 15) pontua:

[...] a sua autêntica experiência, o motor único das suas criações, não pôde ser mais que o do abismo entre o sonho plausível e o obstáculo, o que os não impediu de tentar acreditar esse sonho (sic) diante dos outros (e nos melhores, a intervalos diante de si mesmos), em suma, de apelar com persistência para uma esperança e um futuro que o dia-a-dia também com persistência bloqueava.

Em meio ao denominado ciclo modernista do nordeste brasileiro, voltado para os conflitos diários do homem contra a natureza e do homem contra os homens, desemborcamos nas águas do mangue as temáticas recorrentes aos ciclos da seca, da cana-de-açúcar e dos conflitos sociais urbanos característicos da corrente regionalista. As personagens de Zé Luís, Maria, Seu Maneca e de João Paulo abarcam no humanismo nordestino o ser em transe, ou sorvido pela terra e suas raízes, um solo agressivo, violento, que prevalece sobre as intransponíveis fragilidades humanas.

Como que instigado pelas ações do movimento regionalista de 30, desdobramento sucessor à produção antropocêntrica/realista machadiana e alencariana do século XIX, e ao período de pós-guerras, a obra *Homens e caranguejos* fomenta no ficcionista Josué de Castro algo que transcende a descrição temática da seca, da miséria, e sobretudo, da marginalização da fome enquanto alegoria temática. Insurge na construção interna das personagens um bônus de “sentimento íntimo”^{iv}, como o sustentado por Machado de Assis, uma essência apta a tornar a matéria-prima do real em medida exata da obra literária com cunho neo-realista.

Os primeiros registros de passividade do homem perante as forças da terra e de seus elementos se mostram no romance em função da fome pela água, situados no ciclo modernista da seca. Zé Luiz e Maria, pais de João Paulo, ainda que tidos na trama como personagens de relevâncias pouco complexas, iniciam a peregrinação do homem na luta contra a fome. É quando do capítulo V – *De como Zé Luis falou com Deus sem antes se benzer* que o imperativo telúrico da natureza se impõe sobre a fraqueza do ser. Na tentativa não concretizada de encontrar água para saciar a sede de seu filho primogênito Joaquim, Zé Luis, criador de gado no sertão e Maria, dona do lar, tentam sem êxito manter permanente o pulsar da vida, como na descrição abaixo ilustrada CASTRO (2007, p. 80):

(Zé Luis) Entrou em casa como um alucinado e gritou para Maria: Junte os trens mulher, embrulha bem os meninos, que vamos embora desta terra amaldiçoada. Vamos descer para o brejo onde haverá sempre água para dar ao Joaquim e ao João Paulo! E a mulher, que estava sentada na sala de jantar com os olhos fitos nas varas de xiquexique e o queixo magro afundado na mão crispada, respondeu com voz pausada: - Já não adianta mais água, Joaquim morreu.

Apreciando as características modernistas localizadas na sucessão dramática, inicialmente deflagrada pelas personagens de Zé Luís e de Maria, nota-se na ação referenciada pela seca o marco-zero presente na disputa entre a natureza e o homem. Mutilado, inadaptado às condições físicas da terra em que se insere, o homem se transforma na obra em presa, inerte e incapaz de transformar o meio e, por conseguinte, vencê-lo. Na classificação de romance neo-realista, *Homens e caranguejos* induz, por intermédio da ação das personagens, a visão de LUCAS (1987, p. 13) acerca do caráter social da ficção:

Os melhores romances de caráter social são justamente aqueles que primam pela negação do sistema que nega o homem, que o tritura na sua máquina de produção, que o mutila, que reduz os seus horizontes, que o transforma em coisa. As outras obras não passam de sonho de visionário, utopia pseudo-revolucionária, deformação da mente em favor de um futuro provável.

Semelhante a ode experimentada pelos pais de João Paulo, Seu Maneca, um sertanejo bruto e reservado, compartilha, para surpresa das demais personagens da Aldeia Teimosa e do público leitor, sua trajetória de “quase morte” durante o capítulo VII – *De como Seu Maneca quase se desfez na diarreia da fome*. Em noite do batizado de Inácio, filho de Juvêncio Baraúna, também morador da sociedade do mangue, a personagem natural do sertão cearense, nascido no Crato, choca os ouvintes, enquanto os enfeitiça com a sua história. Como fora no exemplo de Zé Luís e de Maria, a personagem de lábios finos e de ossos quase à mostra, aponta a sua inadaptação às condições telúricas, ainda que da localidade do Crato se dissesse saudosos.

- Só larguei o sertão quando não pude mais me agüentar. Comi todas as minhas reservas de milho e de farinha. Depois, virei raizeiro. Durante um mês inteiro cavei o chão duro e rachado da seca em busca de raiz braba. Comi xiquexique, macambira e raiz de mucunã, e continuaria comendo até hoje essas plantas brabas para não largar a minha terra, se não fosse a sede desesperada. Foi a sede que me botou pra fora do sertão, mais do que a fome. (CASTRO, 2007, p. 95-96).

Recoberto de lembranças, Seu Maneca não se corporifica em uma personagem exceção desta trágica fuga da seca. Vê-se nele um, dentre muitos dos “retirantes já às portas da morte”, o representante dos grupos humanos mais desfavorecidos no qual o modernismo se nutre, julgando esta realidade como indigna.

O triplo embate homem/natureza/morte se avoluma por meio deste retirante nos episódios de inadaptabilidade às condições impostas pelo ciclo da seca, pela instabilidade do mar, e, por fim, via expressão do coronelismo canavieiro da mata sul pernambucana. Com volúpia, milhares de vítimas destas três “máquinas de produção” a que Fábio Lucas (1987) se refere são deglutidas como se assemelhassem às sementes das terras em que nasceram e das

quais se tornaram frutos. No chão rachado do sertão, nas águas da causticante viagem pelo oceano ou no verde do canavial, a personagem de Seu Maneca convive, e por astúcia sobrevive ao assóvio irrevogável do óbito, conforme confia em passagem sobre a ditadura dos capatazes do açúcar:

Ofereci-me para trabalhar ali (no engenho da Usina Estrela), mas me disseram que nem pensasse nisso. O dono da usina não queria nem ouvir falar em retirante do sertão. Tinha horror deles, porque uma vez um grupo de retirantes famintos tinha invadido o armazém das mercadorias. Agora ele punha dois cabras armados na porta do armazém, para receberem os retirantes à bala. Era o que diziam os moradores. E diziam coisas piores. (CASTRO, 2007, p. 99).

Em contra medida, cumprindo o papel de único protagonista de *Homens e caranguejos*, João Paulo tem destaque em função de se alimentar do “argumento-tese” agregado ao romance: uma razão sócio-antropológica - a fome e seus desdobramentos de sub-humanidade. Todavia, nem por tal efeito a personagem do *garoto-caranguejo* compõe-se em nível urbano como um viés de registro verídico dos fatos. Visto que, caso tal fundamento se verificasse, aí estaria a base de uma realidade exterior a que o texto não nos oferece. Portanto, julgar-se-ia como despropositada a metaforização literária das condições de miséria habitacional e alimentar dos homens da Aldeia Teimosa à podridão das águas em que se escondem os crustáceos do mangue.

É pela indissociação da personagem de João Paulo ao “argumento-tese” levantado na obra, que se constrói a verossimilhança interna necessária a co-articular as possibilidades de intercessão entre o real e o verossímil neo-realista. Por mais que na narrativa “João Paulo” seja posto em meio a uma sociedade caótica, repleta de conflitos, nele se reconhece uma densidade de ações que o situam como “herói”. Vê-se aí um possível herói que atingiria (no pretérito imperfeito) o “sonho” da mobilidade social em detrimento de sua sagacidade não obstante o condicionante de romance regionalista se pusesse como entrave, por “mastigar” o homem, tragado pelo meio. No que concerne ao sentido de coerência interna, BRAIT (1998, p. 33) contextualiza a teoria de Aristóteles:

Como a narrativa transcorre dentro da fórmula tradicional, o que seria absurdo, se o parâmetro fosse a realidade exterior à obra, torna-se coerente, torna-se verossímil. E se o chapéu de Indiana (Jones) não cai da cabeça mesmo nos momentos mais críticos, isso fica por conta da verossimilhança interna da obra.

No capítulo XIII - *De como João Paulo, ouvindo a tempestade dos homens, virou caranguejo*, tem-se o desfecho de enredo do romance e, paralelamente, o reinício deste através do ciclo do

caranguejo, que refaz a vida dos homens e de João Paulo em seres crustáceos, irmãos do mesmo leite: a lama. João Paulo que já não reluzia o entusiasmo que lhe era credencial, sente-se triste pela morte de seu amigo Cosme – o paralítico e, sobretudo, por ver tanta miséria, tanta aflição, e em nada poder interferir.

No contexto de um dia de tempestade em que guerreavam inesperadamente militares e revoltosos da Aldeia Teimosa, o garoto desaparece nos alagados do manguezal. O *menino que pescava guaiamu*, procurado incessantemente por toda a comunidade, e por fim não encontrado, é tido como morto em razão do mistério, assim se é pertinente concluir:

E sobre toda a paisagem do mangue estende-se agora um lençol de sombra, negra mortalha recobrando todos os corpos da revolução fracassada. Dentre eles, enterrado nos mangues, deve estar, em qualquer parte, o corpo de João Paulo que, com sua carne em decomposição, irá alimentar a lama que alimenta o ciclo do caranguejo. (CASTRO, 2007, p. 188).

De modo semelhante como ocorrera com seu irmão Joaquim, com os retirantes do sertão e, com os demais representantes das classes mais desfavorecidas da sociedade; novamente se perpetua com a morte de João Paulo a última chance de inverter as características de dominação da natureza sobre o homem, já que João Paulo se apresentava como a personagem a ser preparada para superar esse estigma, traço enfático da vertente neo-realista marcante do Nordeste brasileiro. Ou como contextualiza LINHARES FILHO (1999, p. 179): “o sonho que marca a busca existencial e continua do ser, da realização humana que, como se sabe, é a preocupação do modernismo e do pós-modernismo”.

Como fora com as demais personagens, a inabilidade do homem em deter a poder da terra e de seus elementos reluz em João Paulo uma união que corteja o fúnebre e substancia a ciclicidade do literário. Assimilando na ficção a mutação do real, as personagens de *Homens e caranguejos* “abraçam” o mundo concreto em proporcional grau com que a realidade refaz o ciclo da lama.

Considerações Finais

O presente artigo busca nos elementos do texto de *Homens e caranguejos* a essência capaz de revelar na construção da narrativa da personagem as possíveis interseções entre o concreto e o ficcional. Gradativamente cada personagem expressa em sua existência fictícia o potencial crítico através do qual soa voluntária uma associação imediata aos enlambuzados mártires da miséria recifense.

Em face das fomes deflagradas por Negra Idalina, por sua filha Zefinha, por Cosme - O paralítico, por Mateus – O vermelho, por Zé Luís e Maria e pelo menino João Paulo, cada personagem induz em cenário transfigurado a adoção de verossímeis posturas ideológicas, ora de contestação marxista, ora de resignação social. Na esteira deste pensamento, as personagens aproximam-se da coletividade humana, acrescentando à construção textual o engendramento das coerências interna e externa, ambas responsáveis pela singularidade narrativa e artística do fazer literário.

É possível ponderar que, em meio a um universo caótico e agonizante, de valores instáveis, o ciclo refeito pela metáfora dos homens e dos caranguejos transcende as condições sub-mundanas a que se amovediçam as personagens. Desta feita, é através desta alegoria metafórica que se articula o momento literário a que a obra predominantemente se adéqua, isto é, na transitória fronteira do neo-realismo português, por seu envolvimento ético-estético e, na 2ª geração modernista, pelo trato da relação homem-natureza. Predecessor das tendências características de subjetivação do tempo-espaço presentes no romance brasileiro contemporâneo, o texto de *Homens e caranguejos*, desde 1966 coloca-se na vanguarda das importantes extensões recursivas atualmente majoradas nas produções de autores como Daniel Galera, Fernando Bonassi, Marcelino Freire, Silviano Santiago, João Gilberto Noll, Luiz Ruffato, Milton Hatoum, etc.

João Paulo, arraigado pelos charcos do manguezal, tenta com a pureza juvenil que lhe assegura protagonismo, desobedecer em vão a “lei” do ciclo do caranguejo. Por ocasião de realizar-se o desfecho, o menino, sob a irreversibilidade do ciclo é impiedosamente deglutido pela topografia local. Em consonância com o aspecto crucial pertinente à corrente regionalista ou neo-realista, o homem, a exemplo de João Paulo, em conflito com a natureza, é brutalmente por ela derrotado. O menino dos alagados de Afogados, conforme toda a sociedade do mangue, todos, sem exceção, são tragados por uma natureza agressiva, superior as suas forças.

Transcendendo os conceitos restritivos contidos na superposição tipológica de literatura de esquerda, o estudo da personagem em *Homens e caranguejos* pretende dar a obra o inicial “olhar literário” que lhe é devido. Baseando-se no preceito machadiano de que: “a cor local não é o bastante”, as personagens articulam no cerne da obra *josueniana* a transição dos ciclos modernistas da ficção brasileira, sendo estes, revigorados por uma consciência cultural, ética e universal, marcantes de traquejo humano, a bem verdade, da fisionomia de violação da humanidade, de sonho e de esperança.

Referências

- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- CASTRO, Josué Apolônio de. *O ciclo do caranguejo (conto)*. Rio de Janeiro, Editora, 1935.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 6. ed. ver. e atual. São Paulo: Global, 2001.
- D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/onofrio/index09.html>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- FARIA, Angela. *Homens e caranguejos: Uma trama interdisciplinar. A Literatura topofílica e telúrica*. Dissertação de Mestrado em Letras. Juiz de Fora/MG: CESJF, 2008.
- LIMA, Luiz Costa. *Estruturalismo e Teoria da Literatura*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- LINHARES FILHO. Uma leitura de Memorial do convento. In: BERRINI, B. *José Saramago: Uma homenagem*. São Paulo: EDUC – FAPESP, 1999.
- LOURENÇO, Eduardo. *Sentido e forma da poesia Neo-Realista*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Ficção do Brasil*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1987.
- MATTER, Michele Dull Sampaio Beraldo. *A excursão Neo-Realista: O lugar do literário na tradição da utopia*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.
- MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 17. ed. São Paulo, Cultrix, 2008.
- REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo. Ática, 1988.

ⁱ Para (FARIA, 2008, p. 52), “consiste numa volta ao passado, enquanto passado, supondo memória voluntária, e por meio da qual se pôde compreender a trajetória migratória das personagens até o manguê”.

ⁱⁱ “Colocado numa posição de transcendência, o narrador mostra conhecer toda a história, manipula o tempo, devassa o interior das personagens. Este narrador é recorrente no Realismo de Eça de Queiroz”. (REIS & LOPES, 1988, p.121).

ⁱⁱⁱ “Representam de modo unívoco, setores sociais, econômicos, étnicos, culturais e religiosos. Tais personagens personificam comportamentos de uma sociedade como se fossem estereótipos do perfil populacional a que se assemelham”. (MOISÉS, 2008, p. 139).

^{iv} Postura semelhante a de Machado de Assis, no ensaio “Instinto de nacionalidade”, de 1873 (COUTINHO, 2001, p. 265). Se para a ótica realista machadiana deve-se preservar a condição de brasilidade sem que para tanto haja perda de universalidade, para a ótica neo-realista josueniana deve-se manter a condição de nordestinidade sem que para tanto exista fragilização da universalidade.

Thiago Azevedo Sá de Oliveira

Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: prof.thiagoazevedo@gmail.com

Enviado em 30 de dezembro de 2014.

Aceito em 15 de abril de 2014.